

DM Revista

Goiânia, 17 de setembro de 1983

1A000186

Registros esparsos da música indígena marcavam a discografia brasileira. Hoje essa lacuna começa a ser preenchida, com Música Indígena, o primeiro volume da série Fontes Culturais da Música em Goiás, iniciada em conjunto pela Reitoria, Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação - ambas da UFG - e SESU/MEC, que apresentam ao público o trabalho de pesquisa da antropóloga Mari Baiocchi.

RACHEL AZEREDO

Povos, índios diversos, ocuparam nossas terras a princípio. Com as Bandeiras paulistas chegaram os negros escravos e os índios começaram a sofrer influências da civilização branca, que se impôs no peito e na raça. Espezinhados, espoliados e aviltados, foram praticamente massacrados, sendo que nos dias atuais poucos são os registros existentes que mostram com clareza a cultura indígena, em todas as suas facetas.

Na música esses registros são ainda mais esparsos, e a nível nacional apenas dois discos tratavam da musicologia indígena mais profundamente. Xingu (da própria Funai) e um disco de Seager, até o mês passado eram as únicas obras existentes. Agora, com o lançamento realizado em São Paulo - no Museu da Imagem do Som - dos primeiros volumes da série Fontes Culturais da Música em Goiás, essa lacuna começa a ser preenchida. Música Indígena é o primeiro número da série e consiste em verdadeiro documento da música de alguns povos índios - Xavante, Krahô e Karajá - especificamente.

RESISTENCIA

Numerosas nações guerreiras, de bravos e puros índios, desapareceram, em nome de muitas guerras justas" acontecidas em solo brasileiro, especialmente no goiano. Para justificar a catequese no início do Brasil Colônia, ou mesmo para facilitar a posse de riquezas generalizadas, verdadeiros massacres foram realizados contra os indígenas.

Esses, que viviam da caça, do produto de suas roças, ou do que a natureza lhes concedia, possuíam tradições e rituais diversos. Eram verdadeiros artistas que vilipendiados, passaram a lutar em defesa de um território.

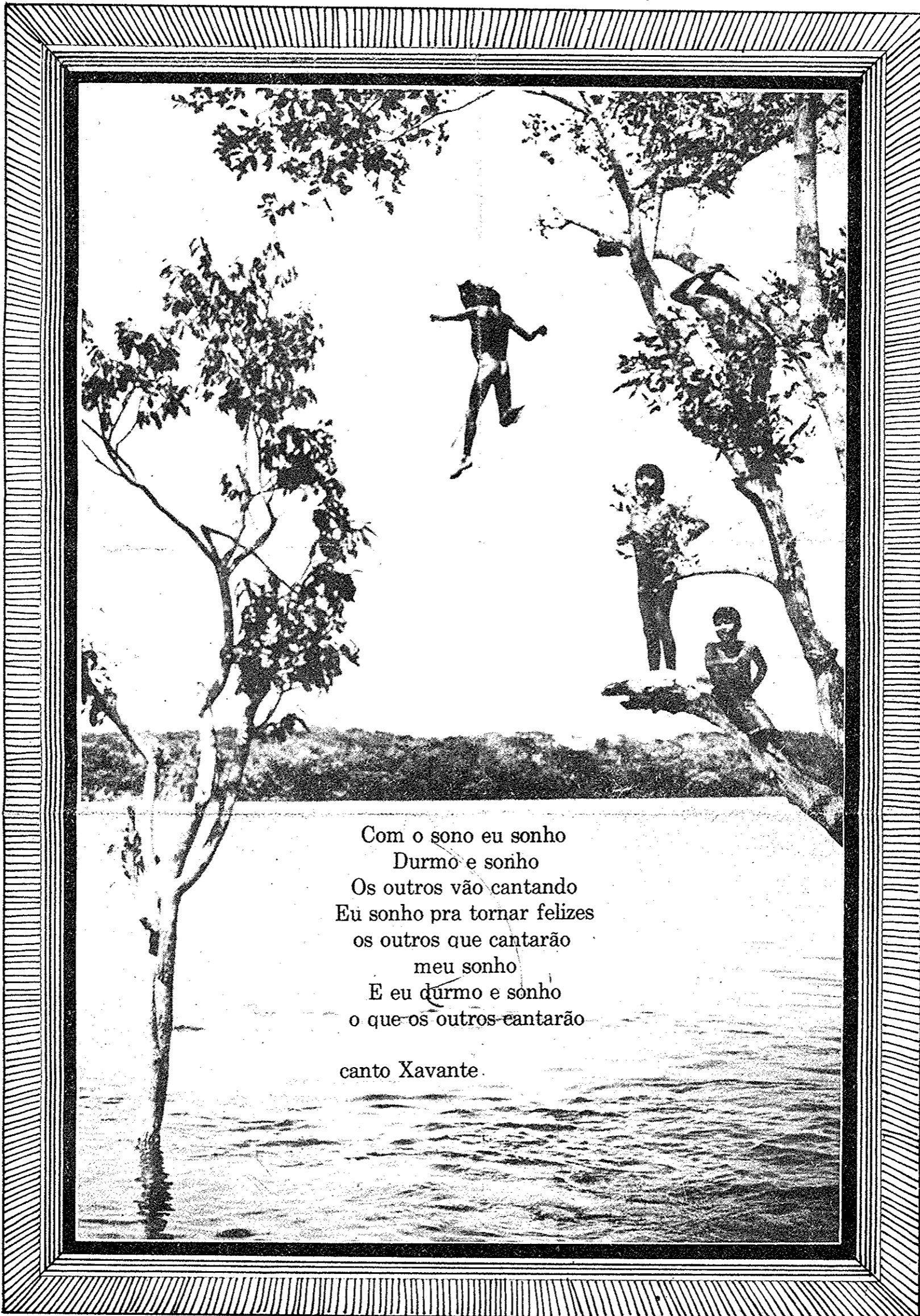
E mais enriquecida se tornou a cultura indígena. Os cantos de guerra, que precediam a saída dos guerreiros tocam cada fibra do ser humano. Basta dizer que para o Xavante, o canto nasce de um sonho: "Com o sono eu sonho, durmo e sonho / Os outros vão cantando / Eu sonho para tornar felizes os outros / que cantarão meu sonho / Outros cantam no sonho / e eu durmo e sonho o que os outros cantarão.

Cânticos como esse demonstram para os jovens de hoje a sensibilidade dos povos indígenas, que resistiram à força dos brancos, deixando como legado peças de intensa sonoridade e musicalidade, belíssimas, que devem ser conhecidas por todos que se dizem brasileiros, pois correspondem às nossas raízes.

MUITAS FESTAS

Música Indígena, volume I da série Fontes Culturais da Música em Goiás nasceu sob os auspícios da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da Universidade Federal de Goiás que em Convênio com a Secretaria de Ensino Superior do MEC - SESU - resolveu difundir os trabalhos realizados por pesquisadores ligados à UFG. O material que compõe o disco foi todo colhido pela antropóloga Mari de Nasaré Baiocchi, através de exaustiva pesquisa antropológica, que vem sendo realizada desde os idos de 1967.

Não havia inicialmente por parte de Mari Baiocchi a intenção de lançar obra de tal envergadura, e as gravações foram realizadas sem o aparato da tecnologia, com um material incipiente. Daí, os perfeccionistas poderão até mesmo, ao ouvir a obra, alegarem a existência de algumas falhas técnicas. Mas tudo é tão puro, tão único e real que não são estas pequeninas falhas que irão empanar o valor de Música Indígena.



Com o sono eu sonho
Durmo e sonho
Os outros vão cantando
Eu sonho pra tornar felizes
os outros que cantarão
meu sonho
E eu durmo e sonho
o que os outros cantarão

canto Xavante.

Pesquisadores, aficionados da música indígena, ou o cidadão comum que entende da necessidade de se preservar nossas raízes, por certo saberão reconhecer na obra um legado de

valor inestimável, que mostra a musicologia indígena em plenitude, onde cada faixa apresenta um diferente ritual, um diferente significado, mas uma força sempre igual.

Basta ouvir por exemplo, na face B do disco, Imitação e os Canto do Aruanã I, II e III. Aruanã, dança de máscaras, é sempre realizada na estação chuvosa, para a qual os homens vestem roupas e trajes diferentes, específicos para a ocasião. As mulheres a participação é proibida, cabendo apenas a preparação dos alimentos destinados ao ritual.

E como Aruanã, há muitas outras belezas no disco. Existem os fragmentos do Hetohocá ou o Dadzarôno I e II. Este último, na face A é o canto da manhã do povo Xavante. Pleno de alegria, é um cumprimento à mãe natureza e apesar da quase inexistência de variação no ritmo dos cantos, mostra claramente a grandeza do Xavante, que hoje, mais que nunca, luta para preservar rituais e tradições.

Mas o disco é todo ele obra de arte. Deverá ser amado por quem entende o valor da cultura indígena. Poderá passar de forma indiferente frente aos mais insensíveis, mas por certo não será nunca deixado totalmente de lado. Um dia, quem sabe, a música indígena estará ocupando melhores e maiores espaços. Afinal, com ela tudo está traduzido. As emoções do homem enquanto ser humano, com inúmeras variantes, vibram em cada faixa, em cada acordo, de cada pequenina nota.

Fruto do amor

Mari Nasaré Baiocchi, antropóloga e professora. Seus olhos brilham ao falar das diversas nações indígenas ou da cultura desse povo. Cheia de emoções, vibrante, apresenta Música Indígena como se fosse pequenina contribuição para o povo brasileiro.

Atendendo ao apelo da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da UFG resolveu divulgar parte de seu trabalho, para dar às pessoas, conhecimento da música indígena, "que é bela, muito bela, e que corresponde às nossas mais profundas raízes".

O repasse da musicologia dos diversos povos que habitavam os sertões brasileiros e goianos esteve, até o surgir dessa nova série, praticamente em branco. Com esforços da equipe que compõe a Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, unida à própria Reitoria da UFG, começa a ser feito agora.

E Mari Baiocchi, cujo trabalho já é conhecido de pesquisadores do País inteiro, que possui uma coletânea imensa, que ama o povo indígena e que possui amigos em todas as aldeias por onde passou, foi a escolhida para dar início à série. Um trabalho que nasceu da vontade de conhecer e de buscar as raízes do povo brasileiro, acabou por se transformar em acervo precioso da sonoridade e da musicalidade indígena, apenas encontradas junto às raízes dos povos de longínqua Ásia.

Em seqüência à Música Indígena já foi lançado, também em agosto último, Música Religiosa em Comunidades Negras, outra bela obra da série, com o aval do trabalho de Mari Baiocchi a garantir a qualidade.

O CANTO LIVRE DO ÍNDIO



Mari Baiocchi, antropóloga e professora, responsável pelo volume I da Série Fontes Culturais em Goiás

Algumas das localizações de tribos indígenas, entre elas a dos Krahô, pesquisada por Mari Baiocchi

